

UMA CONVERSA INSPIRADA EM MICHAEL WHITE

A conversation inspired by Michael White

AZAIR TEREZINHA VICENTE

Psicóloga, Facilitadora de Grupo, Mediadora, Consultora em Gestão de Relacionamentos e membro da equipe docente do Instituto Famíliae – Unidade Ribeirão Preto (SP).

MARISA JAPUR

Psiquiatra, Terapeuta de Família e Casal, membro fundador e membro da equipe docente do Instituto Famíliae – Unidade Ribeirão Preto (SP).

ADRIANA BELLODI COSTA CESAR

Psicóloga Clínica, Terapeuta de Casal e Família e membro da equipe docente do Instituto Famíliae – Unidade Ribeirão Preto (SP).

ANA CRISTINA NASSIF SOARES

Psicóloga, Profa. Dra. da FHDSS-UNESP-Franca (SP) e membro da equipe docente do Instituto Famíliae – Unidade Ribeirão Preto (SP).

ROSÂNGELA RUSSO

Psiquiatra, Terapeuta Familiar, Gerente do CAPSII Ribeirão Preto (SP) e membro da equipe docente do Instituto Famíliae – Unidade Ribeirão Preto (SP).

CRISTINA MÁRCIA CARON RUFFINO

Terapeuta Familiar, Mediadora, Consultora em Gestão de Relacionamentos e membro da equipe docente do Instituto Famíliae – Unidade Ribeirão Preto (SP).

RESUMO: Neste texto, buscamos fazer uma homenagem a Michael White por sua importância em nossas práticas terapêuticas. Nós o escrevemos sem qualquer pretensão acadêmica, tendo sido o resultado de uma conversa ocorrida após sua morte, em que procurávamos situar as contribuições deste autor em nossas práticas, visando produzir interfaces para uma articulação teórico-clínica. O disparador da conversa foi o relato de um atendimento clínico e as reflexões que esse relato suscitou em cada uma de nós. Essa conversa foi gravada, transcrita na íntegra e será apresentada no tom coloquial com que foi produzida. Esperamos que, além de uma homenagem a Michael White, esse texto possa ser útil aos nossos colegas terapeutas/leitores, que também têm na produção deste autor uma rica fonte de inspiração para suas práticas clínicas.

PALAVRAS-CHAVE: Michael White; terapia narrativa; narrativa dominante; mudança terapêutica.

ABSTRACT: This text was written as an attempt to pay a tribute to Michael White for his importance in our therapeutic practices. It was written without any academic pretension, as we made a transcription of the conversation we had just after we received his death's news, trying to establish some interconnections between theory and clinical practice. The report of a clinical care worked as a reflection trigger for each of us, it also led to a talk which provided a theoretical-clinical articulation from which this text was built. This talk was recorded, transcribed integrally, and it will be presented colloquially in the way it was produced. Besides being a tribute to Michael White, we expect this text may be useful to our colleagues, therapists and readers who also have in White's work, a rich source of inspiration for their clinical practices.

KEY WORDS: Michael White; narrative therapy; dominant narrative; therapeutic change.

INTRODUÇÃO

Este texto nasceu do coração, nasceu do desejo da Equipe do Instituto Famíliae de Ribeirão Preto de homenagear Michael White pela expressiva importância que ele tem na construção da história desse Instituto. É um texto sem qualquer pretensão acadêmica, e isso foi intencional. Acreditamos que Michael gostaria dessa nossa opção. Ele sempre privilegiou os desdobramentos de sua prática terapêutica sem se deixar amarrar por qualquer (de)limitação que sua inclusão no âmbito desta ou daquela escola terapêutica, ou no âmbito de qualquer outro discurso dominante pudesse lhe trazer. Foi pensando assim que escolhemos esse jeito de homenageá-lo, focalizando como ele tem influenciado nossas práticas como terapeutas. A construção desse texto foi feita a partir de uma conversa que realizamos, cujo disparador foi o relato de um atendimento clínico feito pela Cristina, uma das autoras, e das reflexões que esse relato suscitou em cada uma de nós (demais autoras), tendo como foco uma articulação teórico-clínica. Essa conversa foi gravada, transcrita na íntegra e será apresentada no tom coloquial com que foi produzida. Esperamos que, além de uma homenagem a Michael White, ela possa ser útil aos nossos colegas terapeutas/leitores, que também têm na produção deste autor uma rica fonte de inspiração para suas práticas clínicas.

RELATO DE UM ATENDIMENTO CLÍNICO*

Este atendimento teve início em outubro de 2007. Na primeira vez, vieram pai, mãe e filha; depois mãe e filha em cinco sessões e, a partir de então, só a filha por mais 12 sessões com atendimentos semanais. O atendimento ainda está em andamento. A filha, Vera, tem 20 anos, é solteira e mora com os pais e um irmão. Tem um namorado há 3 anos e 5 meses. Procura terapia com a queixa de que sofre de depressão, síndrome do pânico e tem pensamentos suicidas. Relata que, por duas vezes, tomou remédio de uma forma descontrolada, “não querendo acordar mais”. Segundo ela, não tem conseguido ficar nos empregos, pois começa a passar mal, tem desmaios e disritmia, o que a leva a ter que recorrer ao serviço de resgate. Relata que “passar nervoso” a faz ter desmaios, “zonzura” e a vista escurece. Na primeira sessão, o pai refere-se ao comportamento da filha: *não dá para entender, ela fica limpando o chão. Fico só observando, pode ter pó na mesa, na estante, mas no chão, se tiver um pozinho que ninguém está vendo, ela pega de novo o pano e começa a limpar o chão que tinha acabado de limpar. Se alguém faz alguma sujeira, ela briga, começa a limpar e a falar... ela se esconde embaixo da cama.* O pai fala o quanto ela e a mãe são parecidas e muito implicantes com ele. Sobre ela, diz que: *ou dorme ou limpa.* Sobre a mãe: *só dorme.* Diz que quer ajudar, mas não poderá vir sempre, pois é horário de trabalho dele: *se precisar, a gente dá um jeito, mas nem adianta, é coisa delas. Eu só acho que não precisa ficar limpando tanto, ficar nervosa.* A partir do segundo atendimento, em que o pai não veio mais,

Vera relata que ele passou a *entendê-la melhor, que ele não tem feito tanta bagunça e sujeira.* Pergunto o que ela acha que o ajudou a *entendê-la.* Ela diz que foi o que eu expliquei para ele. Pergunto o que ela me ouviu explicando para o pai. Ela não sabe dizer. Mãe e filha começam a falar das características do pai. Segundo elas, ele é muito diferente delas: *é fechado, não gosta de brincadeiras.* Falam de como ele é *ignorante* e no começo do casamento era *rude* com a esposa, tratava mal e depois foi melhorando. Segundo elas, *a rudeza aparecia quando ele chegava para almoçar e o almoço não estava pronto porque a mãe ficava brincando com as crianças na rua, o que parecia ser muito bom para as duas, mas muito ruim para o pai.* Elas dizem que o pai as chamava de *duas bobas alegres.* Mãe e filha falam como se partilhassem a mesma percepção ou modos muito parecidos de ver e sentir as coisas, como se vissem a partir de um mesmo lugar: ou as duas como duas meninas ou as duas como duas mães e esposas descontentes com um *homem rude e sério.* A mãe conta que o fato do marido ser assim, deixou-a doente, deprimida; que eles moravam num bairro pobre, com rua de terra, que tinha muito pó e ela não suportava. Fala que começou a ficar *deprimida* (usa muitos termos psiquiátricos, embora tenha um vocabulário bem simples), *tinha TPM muito forte, era chorona, briguenta, brava, mal humorada. Eu era bobinha e depois fui aprendendo a reagir. Eu fui aprendendo a ser barraquenta e, quando ele vinha com grosseria, eu também berrava.* Eu pergunto: *a grosseria dele também era berrar?* E ela: *não, era não me entender.* Na conversa, aparece como eles foram conseguindo comprar

Uma conversa inspirada em Michael White
Azair T. Vicente, Marisa Japur, Adriana B. C. Cesar, Ana C. N. Soares, Rosângela Russo, Cristina M. C. Ruffino

61

* Os nomes são fictícios.

sempre uma casinha melhor que a outra e depois, um carro. Pergunto se esse marido parecia querer dar melhores condições para a família. Aparece a figura de um pai e marido trabalhador, que batalhava, que sustentava a casa. Falam de como, nessa época (em que as crianças eram pequenas e a casa ainda era em rua de terra), havia muita briga e a filha ficava preocupada, tentava controlar os dois. No terceiro e quarto encontros, mãe e filha retomam a descrição que a mãe já havia feito de si, aplicando às duas: *bobinhas frente aos outros, monguinhas, distraídas, Mr Bean*. Para a mãe: *isto é um jeito de ser que diverte as pessoas, faz as pessoas rirem e eu não ligo, gosto de ser assim. É o meu jeito, eu sou alegre. É melhor ser assim do que ficar deprimida*. Vera mostra um lado muito incomodado de carregar essas descrições. Conta como sempre foi diferente, sempre foi burrinha na escola, sempre foi a mais pobrezinha, não tinha as coisas: *nem sei como eu passava de ano, eu não sabia nada. Era muito monga*. Mas as pessoas pareciam gostar dela. Pergunto: *o que você acha que tinha nesta pessoa que você era que fazia com que os outros gostassem de você?* E ela: *ah, é que eu era bobinha, sabe? Eu ajudava todo mundo. Eu não percebia que as pessoas são fingidas. Eu odeio fingimento*. Diz que agora não consegue confiar nas pessoas, que os outros falam com ela e ela já fica preocupada se está fazendo papel de boba, se está pegando no ar; que cuida para não fazer cara de quem não está entendendo *pra não ser zoada*. Conta de uma época (infância e começo da adolescência) em que era *alegre e engraçada*, mas começou a perceber que os outros riam dela, que caçoavam e sempre diziam: *a Vera*

não entendeu... ela fingia que não tinha entendido para dar corda na brincadeira e dizia: o que? Todos riam dela. Passou a achar as pessoas falsas. Hoje detesta falsidade: *o mundo não era tão cheio de malícia, os outros querem te fazer de boba. Te tratam como uma monga. Eu finjo que sou monga, mas eu estou entendendo tudo*. Questiono como elas chegavam a partilhar tantas coisas, como era isto de se fazerem de mongas, se elas combinavam ou se acontecia? Quem começava? Quem percebia primeiro? Quem mais elas acham que dava este nome? Vera começa a se mostrar incomodada com o jeito da mãe. Diz: *Às vezes eu quero alguém para conversar e a minha mãe fica agindo como criança. Às vezes eu quero ouvir alguma coisa dela e ela só fala besteira, borracha*. Começam a trazer diferenças entre elas. A mãe fala muito de doenças psiquiátricas. Fala de seus *diagnósticos* de uma forma que me parece um ganho. Começo a perguntar que nome dava para estas coisas, estes estados e sentimentos que você tinha antes de saber que também poderia ser chamada de *depressão*, de *obsessão*, de *psicopatia*. Disse que antes achava que *era nervosa*. Pergunto: *ter estes outros nomes fez o que com o seu nervoso?* Ela fala que agora os outros entendem porque ela é nervosa e respeitam. Pergunto para a Vera se achava que se parecia com a mãe nesta idéia de ser "nervosa". Ela fala que não, que antes era calma: *mas aí as pessoas se aproveitavam e riam de mim*. A mãe conta como Vera sofreu por causa de um amor não correspondido. Segundo ela, quando Vera tinha 13 anos, amou muito um rapaz de 25 e não foi correspondida e isto a fez sofrer e a traumatizou. *Foi isto que a fez começar a ser uma pessoa triste,*

amargurada. Vera faz referências a este amor como o grande amor da vida dela ao mesmo tempo em que critica muito o namorado atual. A descrição daquele sofrimento me surpreende, me parece um sofrimento muito adulto para uma menina de 13 anos. Vamos conversando e pergunto quem elas conhecem hoje com 13 anos, o que estas meninas fazem, como brincam, como paqueram, como sofrem? Parece que Vera começa a dar outros nomes para o que viveu no lugar de *sofrimento, trauma e desprezo*. A partir deste dia a mãe deixa de vir, diz que terá que começar a trabalhar (trabalha dois dias por semana como diarista). Tentamos acertar o horário, mas não tivemos sucesso. Vera começa a trazer outras descrições do namorado atual e de como ele é companheiro, como *agüenta* as depressões dela e *a ajuda, conversa, não tem fingimento com ela*, conta como ele a apóia, que estão fazendo planos de casar e fala do seu desejo de trabalhar. Começa a falar de uma preocupação com o estado mental da mãe. Diz: *eu me preocupo porque sou eu que terei que cuidar dela se ela pirar de vez*. A Vera que quer *tomar remédios e não acordar mais* vai deixando de aparecer nas sessões. No entanto, frequentemente ela se compara com o que chama de *“como eu era”*: *alegre, brincalhona, sem medos*. A implicância com a *sujeira* que o pai fazia para preparar o almoço vai desaparecendo e ela vai se surpreendendo por não estar se incomodando de ver a cozinha suja. Começa a achar que as soluções que a mãe encontra para lidar com suas questões como: ficar na cama o dia todo, ter *comportamentos infantis, nervosismos* pode não ser uma boa alternativa para ela. Que a mãe *exagera,*

que *não tem muito cuidado com a consequência do que faz*, “*muito sem noção*” e começa a se preocupar com o que ela própria tem feito de parecido com a mãe. Um dia, Vera conta que um cachorro *pit bull* atacou a cachorrinha dela. Ela *teve uma crise, toda a vizinhança teve que vir acudir, segurá-la, pois ela se descontrolou e queria matar o pit bull*. Desmaiou, não pode nem levar a cachorra no veterinário porque a vista escureceu e ela só *tremia, a pressão caiu*. Fomos conversando sobre esta crise: apareceram sentidos como: *é que eu sou muito apegada à cachorra, sou eu que cuido, todo mundo sabe que eu sou assim, a vizinhança já sabe que tem que chamar a ambulância para mim*. Vou perguntando: *se você não tivesse entrado em crise, o que teria feito? Acha que alguém iria estranhar muito te ver “controlada” e cuidando da situação? Quem estranharia mais?* Ela traz uma idéia de que talvez não perder o controle poderia fazer as pessoas pensarem que ela não gostava tanto assim da cachorra, que não estava sofrendo, que era fingimento ela dizer que gostava. Vamos conversando sobre as diferentes formas de comunicar para os outros os sofrimentos. Quando ela comunica entrando em crise, como ela fica depois. Vamos conversando das *várias Veras*: uma Vera que sofre muito com o fato de ver a cachorra que ela ama tanto atacada e uma Vera que cuida da cachorra. Que nesta hora parece que uma paralisou a outra. Se ela acha que seria possível uma Vera sofrer muito e, ainda assim, mesmo com toda a dor, deixar que a Vera que pode cuidar ficasse *acordada* para acudir a cachorra. Ela parece gostar da idéia de pôr uma para ajudar a outra e vai se mostrando surpresa com

as Veras, diz: *eu nem conhecia!* Peço para ela fazer uma lista de todas as Veras que conhece hoje; as Veras que conheceu um tempo atrás e sente falta; as Veras que gostaria de conhecer um dia e com quem quer fazer planos de se encontrar. No próximo encontro, ela entra contando de muitos acontecimentos da semana. Ela e o namorado sofreram um acidente de moto. *Eu não vi nada, só percebi que estava no chão. Aí, ouvi ele gemendo, pensei: meu Deus, se eu olhar e ele estiver machucado. Tudo começou a escurecer, minha pressão abaixou e eu comecei a zonzear e pensei: vou desmaiar. Mas aí, pensei melhor e percebi que eu não tinha me machucado e que ele podia ter se machucado e estar precisando de mim, que eu tinha que olhar, que eu tinha que ser corajosa. Nem sei como, quando eu vi, eu já estava de pé, sem o capacete, ajoelhei do lado dele, fui falando para ele: calma, calma. Você está bem. Aí, começou a parar gente, ele levantou, achou que tinha quebrado o braço, mas era só dor. Eu ajudei ele a ficar de pé. A moto era pesada (...), um cara veio ajudar mas não conseguiu sozinho, eu fui lá e ajudei... nem sei como!* O cara falou: *puxa, você é magrinha, mas tem força! De noite, eu lembrava e ria. O namorado falava: você está louca de rir, a gente podia ter morrido. Eu sei, mas não morremos, foi bom a gente não ter morrido.* Contou isto como algo engraçado. Depois ela conta que fazia três dias que o pai dela, ao sair com o carro da garagem, atropelou um dos filhotes da cachorra sem querer. Fala: *eu embrulhei ele num pano e fomos para o veterinário. Mas não teve jeito, morreu. Eu vi que foi sem querer, meu pai ficou chateado, pediu perdão. Quando eu voltei, não contei para a minha mãe, minha mãe ia aprontar*

*um escândalo, ter crise. Então, disse que o cachorro ficou em observação. Fui preparando minha mãe, falei dos outros filhotes, que os outros estão bem. No fim da tarde, quando minha mãe começou a insistir para eu ligar para o veterinário para saber do cachorro, eu contei com cuidado: sabe mãe, eu tenho que te contar uma coisa... O cachorrinho morreu, ele não agüentou. Minha mãe não acreditou, falou: você está brincando, que coisa feia brincar com isto. – Mãe, é verdade, ele morreu, a roda passou na barriguinha dele, nós tentamos, mas não deu para salvar. – Ah, vá. Se tivesse morrido você estaria feito louca, chorando, brigando com seu pai. – Mãe, eu estou triste, mas meu pai não fez de propósito. Ele quase chorou quando me pediu desculpas. Eu vi que foi sem querer, não quero que ele se sinta mais culpado. Conta que ficou cuidando da mãe, se agüentando. No relato dela, ela só chora a morte do cachorrinho de noite quando está na casa do namorado. Pergunto como ela foi se sentindo ao poder cuidar do cachorro, ao ajudar o veterinário, ao cuidar da mãe, ao poder cuidar da sensação de culpa do pai em vez de brigar com ele. Ela se surpreende por ter conseguido agüentar tanta coisa, sem fingimento, diz: *eu não chorei, mas não foi de fingimento, foi de dó mesmo do meu pai. Depois eu me agüentei porque senão minha mãe ia despencar no choro, fui preparando com calma...* Pergunto: *o que seria fingir?* Ela diz: *se eu tivesse em desespero e tivesse que esconder, mas não, eu estava agüentando mesmo. Pensando agora, nem sei como.* Aí ela começa a contar de como foi com o veterinário, que ela mesma teve que ajudar em todo o procedimento, pois não havia auxiliar. E aí diz: *eu fiquei ali, dando uma de forte.**

Como se eu fosse forte mesmo. Eu pergunto: de quem era aquela força que aparecia? Ela: nem sei, eu morro de aflição, desmaio de ver sangue. E todo mundo sabe que eu adoro meus cachorros. Eu: se você não tinha aquela força, quem estava tendo por você? Ela: eu mesma, eu tive que ter. Eu: o que você está dizendo é que você também pode ser forte; que teve momentos em que já desmaiou ao ver sangue, mas que também existe uma Vera que pode ser forte, não desmaiar e cuidar. Neste momento, ela faz como se tivesse lembrado de algo, levanta-se, tira do bolso um papel e me entrega, dizendo: lembra que você falou para eu escrever das Veras? No papel está escrito*: **Eu conheço a Vera...** insegura em tudo aquilo que vai fazer, desconfiada em tudo e, principalmente, nas pessoas em sua volta e que se guarda mais, irritada, não tem muita paciência às vezes, nervosa que se irrita fácil e que se afasta das pessoas por motivo de acabar trazendo problemas e falsidade de não confiar nas pessoas como antes, sou crítica menos alegre, mas às vezes amorosa com as pessoas de quem eu gosto e que me fazem bem. **Mas já conheci uma Vera...** Alegre, divertida que gostava de fazer brincadeiras para todos rirem, mas amiga de todos, que gostava de fazer várias aventuras, saindo de casa escondido para ir às festas e ver o menino que eu gostava, de ter vários amigos e fazia amizades facilmente. **Fazia de tudo para ficar um pouco feliz. Acho que conhecerei uma Vera:** corajosa mais pra frente mais firme em tudo o que fazer e pensar, alegre. Saber o que é viver a vida buscar meus sonhos, meus sonhos de ser feliz construir uma família. Ter tudo que sempre sonhei trabalhar e poder comprar tudo com o meu salário, o meu dinheiro, não

depende de ninguém. Ser mais segura de si mesma. Ser mais compreensível. Saber entender. Leio em voz alta para ela. Ao terminar, pergunto: que Vera você viveu nesta semana? Ela: como assim? Eu: que Vera era essa que teve coragem de socorrer o namorado, força para erguer a moto, que pôde rir de ter sobrevivido, que segurou o cachorro mesmo sofrendo com o sofrimento dele, que pode entender e compreender o pai? Que Vera é esta que viveu estas coisas esta semana? Ela: parece que sou eu mesma. Mas é estranho... Eu não tinha pensado assim. Eu: como você tinha pensado? Ela: sei lá, eu nem percebi que foi coragem. Eu: e agora, o que é que você percebe? Como percebe esta Vera que pôde ajudar tanta gente, cuidar de tanta gente e do cachorro? Que não fingiu e também não desmaiou? Ela: que eu tenho força sim, mas sabe... Eu era assim antes. Mas é gozado, às vezes saem coisas da minha boca que eu nem sabia que eu tinha. Eu escuto e fico pensando... Eu que estou falando isto? Eu já ajudei muita gente, já dei muito conselho bom... Neste momento, Vera começa a contar como já tinha ajudado sua vizinha a superar a perda do filho e desistir da idéia de se matar alguns anos atrás.

UMA CONVERSA INSPIRADA EM MICHAEL WHITE**,**

A: O que sempre me chamou atenção no Michael White e me chamou atenção neste relato foi quando a Cris e a Vera começam a conversar sobre as várias Veras****: uma Vera que sofre, mas que ama e cuida do cachorro, que mesmo sofrendo pode cuidar do cachorro e não fica paralisada. Fiquei pensando que contar sobre várias

* Foram mantidas a pontuação e as palavras originais que a cliente usou.

** Código: **A**=Ana Cristina / **M**=Marisa / **R**=Rosângela / **D**=Adriana / **Z**=Azair / **C**=Cristina

*** O tom coloquial da conversa foi preservado.

**** Em 2005, Michael White realizou um Workshop, em Salvador, Bahia, onde, entre outras coisas, trouxe idéias como a de tratar a vida como um clube de membros associados e a identidade como o conjunto e as conversas possíveis entre estes membros. Segundo ele, esta metáfora propicia o "sentido de identidade através de múltiplas vozes, em vez do sentido de identidade de uma simples voz, que é uma característica do eu encapsulado, a moda da cultura contemporânea".

Veras nessas cenas que ela vai descrevendo, me lembrou muito a questão do Michael White quando ele usa o Michael Foucault pra falar do poder, quer dizer ele, vai... Não sei se ele diria com esses termos, mas ele vai desfamiliarizando a questão do poder do terapeuta nessa relação terapeuta-cliente. Aí eu fiquei pensando: se a gente olhar para a ciência moderna dos séculos XVIII e XIX, falar de *várias Veras*, talvez alguém nesse paradigma dissesse: *Ah, você está falando de múltiplas personalidades*. E aqui, olhar para essa relação heterárquica, não hierárquica, acho que é algo que o Michael White buscava olhar e que também a Cris foi construindo com a Vera durante a sessão e até estimulando isso: *“as Veras que você conhece hoje, as Veras que você já conheceu, as que você gostaria de conhecer e com as quais gostaria de se encontrar”*, e que, pra mim, fica uma relação que não se centra no poder do terapeuta, que decide o que é melhor para o cliente, mas ele vai explorando isso que a Vera traz... E faz desse lugar do terapeuta que tem *“uma relação que não submete o outro às normas que moldem sua vida”*¹. Pensando um pouco nisso, se o cliente traz um conceito, por exemplo, que é diferente do conceito do terapeuta, neste outro olhar, diferentemente da ciência moderna, isso pode ser incluído e construído; a história que o cliente traz vai sendo construída, conciliando a visão do terapeuta com a visão do cliente; desta forma, eles não se fecham em um conceito único. Acho que, quando Michael White também chamava as testemunhas, as pessoas que já tinham passado por um atendimento, pessoas que não tinham formação como terapeuta, como profissional, enfim, também me vem um pouco

essa idéia da horizontalidade das relações. Então, sempre foi uma coisa que me chamou muito a atenção e, como a Cris vai trazendo, vai estimulando isso na Vera, acho que foi uma coisa muito útil. Bem, só foi útil porque a Vera aceitou o convite da Cris e trouxe descrições desse jeito. Acho que é isso, por enquanto...

M: Ana, te ouvindo, me veio uma coisa que eu não havia pensando... Quando você articula essa questão do poder, fica muito forte pra mim uma sensação que tive quando li a transcrição do atendimento da Cris: a mudança da Vera que estava com a mãe, da Vera com o pai e a mãe, e a Vera sozinha. Você situaria também esta questão da narrativa dominante em relação a essa presença da mãe, a essa similaridade dela com a mãe?

A: Situaria, porque no começo da sessão – falando agora de conteúdo – eu pensava assim: *nossa, estão a mãe e a Vera juntas, o pai sozinho e o irmão nem sei onde está?* Eu até voltei na sessão pra ver, quando há uma referência no relato da sessão de que a mãe estava brincando com as crianças, eu me perguntei *quais crianças?* Daí, eu descobri que a Vera tinha um irmão. E aí parece que realmente ela vai saindo desse lugar de alguém que está grudada, misturada com essa mãe, e vai contando suas histórias, de sua autoria, se colocando como alguém que constrói a própria história, sem que a mãe precise estar junta e de um jeito até, de repente, proteger o pai, quando ela fala: *eu não contei que o cachorro morreu porque minha mãe iria ficar brava*. Ela começa também a olhar para essa relação com o pai, ela também pode olhar para o pai e proteger a mãe também. Quer dizer, ela pode cuidar de si, pode cuidar da

mãe, pode cuidar do pai e da relação dos três. Acho que, pra mim, faz sentido sim o que você aponta.

R: Eu fiz um caminho parecido com esse da Ana. O que me chamou atenção também foi relacionado a Foucault e a como somos constituídos nos discursos. Vera chega com o discurso dominante de como é *bobinha, monguinha, distraída, Mr. Bean*. Tanto mãe como filha descrevem-se da mesma maneira. Vejo isto como uma narrativa dominante, além de uma narrativa de poder que constitui a Vera nas relações. Penso que uma das maiores contribuições de Michael White ocorre quando utiliza conceitos de Foucault sobre poder/conhecimento, rompendo com as concepções clássicas desse termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado. O poder é considerado uma relação de forças. Por ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Vejo a descrição das outras Veras como uma mudança da narrativa: de uma Vera bobinha para uma Vera mais alegre, uma Vera mais corajosa. A Vera pôde deixar de se constituir no discurso da mãe. Pôde desenvolver, com ajuda da terapeuta, novas narrativas sobre si mesma. Na minha interpretação Vera pôde se constituir em outros discursos diferentes do da mãe. Parece que, para a Vera, demonstrar o sentimento de uma maneira diferente nesta relação soa como traição. Não sentir da mesma maneira que a mãe significa fingimento. Vera se descreve com o mesmo discurso usado pela mãe. Para ela, ser diferente da mãe seria fingir. Isso fica muito claro quando ela conta seu diálogo com a

mãe para falar da morte do cachorro de uma maneira diferente da usual e a mãe acha que ela está mentindo, pois do contrário ela estaria desesperada. Segundo Michael White, narrativas constitutivas determinam aquilo que consideramos como fato, por isto são constitutivas, pois modelam as relações das pessoas, determinam de alguma forma o recorte que aparece sobre a Vera e o que deixa de aparecer. Quando Vera descreve *outras Veras* a terapeuta lhe convida a novas narrativas. É interessante que, na ordem dos acontecimentos no atendimento, os eventos extraordinários ocorreram após algumas sessões. A terapeuta não buscou eventos extraordinários no passado, nas lacunas da história, mas Vera só se deu conta das *outras Veras* que ela utilizou nestes contextos após fala da terapeuta. Segundo Michael White, a concepção de narrativa dominante baseia-se na análise sobre a produção do conhecimento/poder e seus efeitos constitutivos, por meio de verdades normalizadoras, que configuram nossas vidas e relações. Por meio de tais verdades, há aspectos da vida de Vera que deixaram de ser narrados por não se encaixarem nos parâmetros de tais verdades, sendo que a narrativa dominante de Vera sobre si mesma configura sua vida e seu estar no mundo. Foi por aí que fui refletindo.

D: Interessante, porque, para mim, o recorte que também está me parecendo mais importante é o das *várias Veras*. Pensei nas *várias Veras* como o centro das externalizações das conversações sobre o problema: tem uma Vera que ajuda, uma Vera que atrapalha, outra Vera que quer vir a ser. Esse relato me faz lembrar a concretização da dificuldade dela numa metáfora: as

várias Veras. E assim, falando das *várias Veras*, e não da dificuldade dela*, ela consegue encontrar novos significados, outras narrativas, que já viram ação, já aparecem na próxima sessão. E essa narrativa construída no diálogo com a Cris: *nossa, eu tive coragem...* pôde gerar novas ações. Essa questão da coragem que surge no diálogo, por exemplo, quando ela fala: *ah, eu tive coragem e não tinha percebido*, do jeito que a terapeuta vai fazendo, possibilita o aparecimento de relatos subordinados à história dominante que eu daria o nome de *coragem*. Isso também me fez pensar em um novo vocabulário trazido por Michael White no Workshop da Bahia**, os *andaimes*. A Vera que estava constituída dentro de um discurso dominante que a desqualificava parece que já deu um salto para um outro *status*, para outra versão: a da Vera corajosa. Penso que a construção desse *andaime* está elaborada nesse recorte. Foram as duas coisas que eu pensei até agora!

Z: Dri, como você está articulando essas *várias Veras* aos *andaimes*...?

D: Se a gente tivesse falando de um medo como o problema, pensariamos: que metáfora, que imagem daria para o medo? Mas essa maneira, ela foi dizendo: a que eu fui, a que eu não consigo hoje, a que eu gostaria de ser, ganhou um nome de Vera, que é o seu próprio. Há uma modificação para as *várias Veras* e, então, ela pôde trabalhar com essas escolhas. Parece que ficou mais externalizado mesmo: tem *várias Veras* e ela pôde ver mais distanciada.

M: Adriana, se estou entendendo, a gente poderia dizer que você está trabalhando com a idéia de externalização de uma *versão identitária* problemática, que me pareceu um jeito

alternativo ao *coisificar* para externalizar o problema, esse problema está personificado em uma versão identitária da própria Vera... É isso?***

D: Exatamente. Ela está falando da Vera, mas há outras possíveis *versões de Vera* que parece que ela pode se distanciar e olhar. Uma Vera mais preferida, uma Vera que tem saudade. Acho que a externalização de novas versões identitárias.

R: Eu entendo que seria isso o *espesso* de que falou Michael White no Workshop da Bahia. Por exemplo, tem uma camada muito fina que é a narrativa dominante sobre a Vera, e parece que só existe essa. De repente são co-construídas novas narrativas e a constituição da narrativa sobre *outras Veras* vai ficando mais espessa, não é só aquela dominante, mas vão sendo construídas várias outras narrativas sobre *Veras*****.

Z: É... Quando a gente fala em Michael White, a primeira coisa em que pensamos é na externalização do problema como se fosse o conceito mais importante, mais conhecido. Mas, como eu entendo, a contribuição do Michael White que penso vir antes disso é, justamente, a questão desse poder constitutivo das narrativas. Para mim, um dos aportes mais importantes é o quanto ele chama a atenção para a questão do poder, não o poder no sentido de que reprime, mas o poder que ele chama de positivo no sentido de que constitui. Ele não reprime, ele subjuga. Constitui esses relatos, essas verdades normalizadoras que, para mim, enquanto terapeuta, é o que fica mais presente, o que me deixa mais atenta. Michael White vinha mudando sua prática, tentando cada vez menos exercer este poder. Quando ele deixa de usar a

* White e Epston, recorrendo à externalização do problema como ferramenta terapêutica, convertem o problema em uma entidade separada e externa tanto à pessoa, como às relações das quais esta participa. Quando as pessoas procuram a terapia em busca de ajuda, apresentam o que os autores denominam uma descrição saturada pelo problema de suas vidas. A externalização abre a possibilidade de descreverem a si mesmos e suas relações desde uma perspectiva nova, não saturada pelo problema. Os autores argumentam que "...entre outras coisas, esta abordagem... combate a sensação de fracasso que aparece em muitas pessoas, ante a perspectiva do problema apesar de seus intentos de resolvê-lo".

** Dentro da perspectiva de que há muitas histórias que não foram contadas e focando o papel do terapeuta como aquele que resgata os relatos das experiências subordinadas à história dominante, o autor utiliza o conceito de *andaime* como metáfora para a construção de outras narrativas. Com isso traz o significado de que a vida é como se fosse "um prédio sem escadas, elevadores e de muitos andares". Ao terapeuta cabe a tarefa de "fazer" esses andaimes, que são estruturas temporárias para construir o prédio, isto é, para que o cliente tenha acesso a outras instâncias de suas vidas; assim como os andaimes são necessários para a construção de um prédio, eles também o são para a resolução de problemas em terapia. Da mesma forma que andaimes são removíveis, também os clientes poderão prescindir, em algum momento de seus terapeutas, para continuar explorando outras habilidades e narrativas de si mesmo.

*** Entendemos que este não é exatamente o vocabulário com o qual Michael White trabalha (embora tenha usado o conceito de múltiplas vozes no workshop da Bahia) quando usa a externalização do problema, na desconstrução dos relatos dominantes. Aqui

equipe reflexiva e passa a usar testemunhas, no sentido de testemunha como um par, um ex-paciente, dentro dessa heterarquia, ele diminui a possibilidade de uma narrativa poderosa que vai constituir ou vai subjugar. Então, para mim, este é um dos aportes mais importantes, que ele buscou em Foucault e aplicou na clínica. Dentro dessa busca da importância do relato dominante, acho que o texto que nos dá uma melhor compreensão desse caminho para entender o que ele está falando é o da analogia do texto. Ele diz: “*podíamos assumir que a experiência de uma pessoa é problemática para ela, por exemplo, porque a situação em relatos que outros têm sobre ela e sobre suas relações, e que esses relatos são dominantes na medida em que não deixam espaço suficiente para representação dos relatos preferidos pela pessoa*”¹. Então, o trabalho dele é todo no sentido de buscar espaço, para construir os relatos preferidos. Daí ele inventar a externalização do problema e encontrar os acontecimentos extraordinários. Um dos usos que ele faz da analogia do texto é pensando na ambigüidade que todo texto tem, quais são as lacunas e como cada leitor vai construindo seu texto e completando as lacunas. Sluzki conta de um velho que morava em sua antiga casa, cujas paredes queriam pintar. O velho não queria que pintassem porque cada mancha daquela parede fazia parte de sua história dele. Quer dizer, se mudasse aquilo, ele iria perder suas coisas, coisas de sua história. Aí eu fiquei pensando que o velho, à medida que vai esquecendo, vai inventando, porque vai completando a história. A história tem que ter sentido, tem que ter começo, meio e fim, e a gente também; aquilo que você não

entende quando está lendo, você imagina, você completa o texto.

M: E mesmo quando a gente entende, isso dependeu de um completar, sempre...

Z: Sim, porque a interpretação, o significado que você deu para aquilo poderia ser outro. Então, sempre tem essa indeterminação do texto e sempre somos co-autores de vários textos.

D: E, com a Cris, a Vera construiu outro texto.

Z: Eu acho que a Cris fez muito bem isso. Suas perguntas foram muito úteis ao ir buscando as ambigüidades ou buscando nomear ou buscando *se não fosse assim como seria?* Alternativas, parando para pensar, porque a coisa vem como dada; é um relato dominante, eu fiquei tão impressionada com o que parecia caso de livro, para exemplificar essa questão do poder. Como é que o poder, como é que o relato dominante constitui alguém? E como é que as pessoas ficam aprisionadas naquilo sem poder sair? A Cris foi fazendo perguntas, não tomou o relato todo como dado, mas foi questionando passo a passo: *que nome daria? E, se não fosse assim, como é que seria?* Ela foi desconstruindo o relato dominante e possibilitando que surgissem outras narrativas, outras descrições, que foram resultando em uma história diferente, e daí a Vera numa posição diferente.

M: Me parece que a Cris realiza esta desconstrução sem estar focada no relato dominante, porque você poderia imaginar uma forma de desconstruir o relato, buscando *como foi construído...* Uma forma de desconstrução traz aquelas perguntas mais voltadas a uma perspectiva de passado, de recontar história: que outros textos po-

emprestamos sua idéia de externalização, no sentido de separar os relatos problemáticos da Vera e colocá-los igualmente ao lado de outros relatos preferíveis que possam surgir. Esse nosso uso já está fortemente influenciado pela metáfora de multiplicidade de *seves*, oriundas do Construcionismo Social. Essa é uma questão teórica sobre qual temos, recentemente, trabalhado em nossa equipe.

**** Michael White contrapõe superficial e profundo, com fino e espesso. Pensar no contraste entre fino e espesso, em vez de o conhecido contraste entre superfície e profundidade, foi um dos fundamentos principais que ele apresentou no Workshop da Bahia em 2005. O terapeuta auxilia, com suas perguntas na construção de *andaimas* para gerar novos significados sobre a identidade e a história.

deriam ter sido construídos a partir daqueles eventos que geraram uma possibilidade dessa narrativa assim? Isso seria uma forma de pensar a desconstrução. Acho que a terapeuta faz uma desconstrução que não está focada no relato dominante. Me parece que a desconstrução que vai sendo feita a partir do diálogo de Vera com *outras diferentes Veras*, que vão ganhando força na conversa e ela vai podendo constituir *outras Veras para ela mesma*. E a Vera cliente da narrativa dominante passa a ser uma dentre várias. Eu vejo que a Cris foi nesse movimento prospectivo de desconstruir a narrativa não a partir do entendimento de como ela foi construída, mas num movimento que vai desconstruindo *não o relato dominante, mas a dominância do relato* pela despotencialização dessa narrativa, da força constitutiva do relato dominante.

Z: Uma pergunta que penso ter sido muito importante, foi aquela em que a Cris questiona como elas chegaram àquela descrição. Questiona *como ela e a mãe chegaram a compartilhar tantas coisas, como que era isso de se fazerem de monga, se elas combinavam ou se acontecia, quem começava a ser monga, quem percebia primeiro, quem mais elas acham que dava este nome*. São perguntas que, por si só, já dizem como é que se chegou a essa narrativa, quer dizer, já denotam que pode não ser assim... Como é que vocês começaram a ser desse jeito? Pode ter vários jeitos, várias formas, qual a forma de vocês?

M: Mas essa é uma sessão em que ela ainda está com a mãe, e eu penso que a Cris está mais focada na relação delas....

Z: É... Ela começa a ficar incomodada com o jeito da mãe. Eu fiquei

pensando que, nessa sessão, ela já diz *às vezes quero alguém para conversar e minha mãe fica agindo como criança, quero ouvir alguma coisa dela e ela só fala besteira...* E essa foi a última sessão que a mãe veio.

Z: Tem outra coisa que eu queria ressaltar, é o que Michael White chama de *eventos extraordinários*: ao focalizar o problema, ele usa o recurso linguístico de separar o problema da pessoa para poder buscar, através das perguntas de influência, situações em que a pessoa influenciou a vida do problema no passado. Eu achei muito interessante porque aqui aconteceu o contrário. Dentro de uma sessão, como é que, a partir dos questionamentos da terapeuta, ela conseguiu vivenciar situações em que não precisasse ser tão frágil, como no evento de socorrer o cachorro ou do acidente da moto. À medida que ela constrói estes relatos extraordinários, pelo que a Cris nos conta, ela termina buscando o acontecimento extraordinário que ela não tinha referido antes, que era ela ter ajudado a vizinha. Quanto tem dessa versão identitária da Vera que dá conta, da Vera que ajuda, que pode cuidar e que já está presente na conversa.

M: É interessante a gente pensar no quanto essa Vera que ajuda a vizinha não é aquela Vera que fazia que os outros gostassem dela mesmo sendo monga. Ela respondeu: *ah, eu era bobinha, eu ajudava todo mundo, eu não percebia que as pessoas são fingidas, eu odeio fingimento*. Então ela tem uma descrição dela como alguém que ajudava muito, mas um ajudar que era possivelmente ridicularizado, que era fonte de chacota, esse ajudar conotado como "ser bobinha", "ser monga".

Z: Parece que a Vera faz uma associação de que não ser fingida, verda-

deira é demonstrar todo o sentimento, quer dizer, se ela não exteriorizar todo o sofrimento, ela está sendo fingida. Ser fingida, para ela, é como ser desleal. Então parece que, se ela pensar diferente ou tiver um jeito diferente do outro de se comunicar, ela está sendo desleal, ela não está sendo amorosa, não está sendo verdadeira em relação a quanto ama o outro.

A: Passou uma coisa pela minha cabeça agora. De novo, eu volto para a questão do poder na nossa cultura. Nossa cultura diz que a mãe é uma pessoa muito importante na família, aquela história de que *ser mãe é padecer no paraíso*, essas falas todas... Minha questão é se o *ser monga* junto com a mãe foi uma forma, claro que não intencional, do poder exercido pela cultura, ela teve que ser monga também! Quando a Cris começa a perguntar *Como é que vocês começaram a ser monga? Quem foi monga primeiro?* Parece que esse poder vai ficando explícito...

O tempo que dura esta aliança... esse "ser monga" juntas, isso a que estou dando o nome de simbiose, por exemplo, se na hora que esse poder fica meio ameaçado, meio em evidência, a mãe não se assusta com isso e não dá conta de olhar para isso aí. Claro, a gente não sabe o que a mãe pensou, mas eu acho que essas relações que a nossa cultura vai incutindo sobre *o que é ser mãe*, as falas das várias ciências humanas, o que a pedagogia foi falando sobre ser mãe, o que a psicologia foi falando sobre ser mãe... o quanto isso faz parte do nosso cotidiano, da nossa vida, e esse é também um jeito de exercer poder, o quanto a gente aceita essas coisas sem olhar para elas, sem ter chance de questionar estas falas. Então, eu fi-

quei pensando num poder que é até mais amplo, mas que está nas nossas falas cotidianas, nas coisas que a gente repete e reproduz.

Z: Eu fiquei pensando que tem um relato de que quando ela era criança, os pais brigavam muito, e o quanto nessas brigas essa mãe era monga, essa mãe era aquela criticada, a mãe era bobinha, e quanto ela, pra proteger a mãe, ficou como a mãe, reforçando esse lado de lealdade. Podemos pensar que ela começou muito cedo a proteger a mãe, ficando igual, porque muito facilmente ela começou a se diferenciar. E eu fiquei pensando: o que aconteceu com essa mãe, que à medida que a filha começa mostrar que é diferente dela, *porque eu quero conversar com minha mãe de outra maneira*, se essa mãe começa perceber que essa filha é diferente dela, se ela se sentiu excluída, se ela se sentiu desqualificada, abandonada, ameaçada, se não é o momento dela de começar a olhar pra isso, se ela precisa de mais tempo, pois ela esta há mais tempo nisso também, ou se ela veio só para trazer a filha, qual a versão dela, qual o relato preferido dela mesmo, começa-se questionar relatos, começa a ver possibilidade de outros, então fiquei realmente muito curiosa em relação a essa mãe.

D: Isso que você está trazendo, Azair, seria o: *por onde continuaria essa conversa?* Uma conversa com essa mãe...

Z: Ou até com a Vera, de ver como é que está a relação delas, se mudou alguma coisa... Embora no episódio do cachorro ela traga uma mãe que está estranhando a mudança dela. Mas não surge nada de ruim no comentário dela.

D: Eu fiquei pensando, buscando um nome para isso que vocês estavam dizendo... como elas construíram um

relato dominante pra elas que eu daria o nome de: *tal mãe, tal filha*. E aí a conversa que a Cris vai tendo, estranhando a fala do *sofrimento da filha* e a Cris vai trazendo outras versões dos 13 anos, vai abrindo esta coisa que ficou estagnada, de que uma criança de 13 anos sofre... A Cris vai ajudando a olhar outros tipos de 13 anos por aí... e a menina vai se despregando desse relato, e vai "se identificando" com outras versões. Podendo nomear o que ela sofreu de outro jeito.

A: Michael White fala do poder, acho que é o que você está falando, ele fala da questão cultural, que *o poder tradicional desenvolve-se e implementa-se do topo para baixo e o poder moderno desenvolve-se e refina-se ao nível local de cultura*.*

R: Acho que ele está falando do micropoder que constitui o poder moderno.

Z: Em relação à diferença entre poder moderno e tradicional, ele comenta: *o tradicional estabelece o controle social através de um sistema de julgamento moral, institucionalizado, exercitado por representantes do estado e instituições do estado, então é institucionalizado. E o moderno estabelece o controle social através de um sistema de julgamento normalizado exercitado por pessoas, na avaliação própria de outras pessoas*.**

D: Antes de terminar, eu tenho outro comentário que eu queria fazer. Falando de testemunhas, o poder heterárquico, ainda que neste trabalho não se tenha uma testemunha externa, eu fiquei pensando um pouco sobre o terapeuta como testemunha, testemunha destas criações de *novas Veras*. É... Eu fiquei pensando no olhar da Cris, olhando quando ela fala: *nossa, não sabia que eu tinha isso, eu me vi*

com coragem e não percebi essa semana. Como o olhar da testemunha que está vendo surgir alguém ali, vendo e agindo.

M: Isso que você está falando, eu penso que não tem como eliminar esse poder desse olhar do terapeuta.

Z: Michael White, em vez de se colocar, busca testemunhas que também contam suas histórias. De alguma maneira, busca minimizar essa questão do poder... Ele estava construindo, cada vez mais, recursos para isso.

D: Sim, mas ele é quem entrevista a testemunha.

Z: Sim, o terapeuta sempre oferece uma história, olhares... Quando a Cris diz: *olha, que nome você dá ou qual é a Vera que está fazendo isso, aquilo?* ela responde que não tinha pensado nisso. Quer dizer, há um poder, no mínimo, de uma organização e de uma oferta de uma outra alternativa.

D: Sim, ela assumiu o lugar de especialista na conversação.

Z: Eu acho que é impossível não assumir, mas ele está atento a isso.

A: Eu acho que ele nem se propõe a eliminar isso, a questão dele é como a gente usa o poder.

M: Bem, eu penso que agora, a gente poderia ouvir um pouco a Cris comentar nossas reflexões, mas eu vou antecipar algo que eu gostaria de te perguntar: o que foi que fez escolher este atendimento quando tivemos a idéia de fazer essa conversa para homenagear Michael White?

C: No primeiro momento, quando pediram um caso, pensei em buscar um atendimento em que tivesse utilizado a externalização do problema. Até pensei em trazer um atendimento que eu e a Adriana estamos fazendo juntas com o diagnóstico de anorexia. Em seguida, me veio esse caso no qual

* Referência a uma fala feita no workshop já referido anteriormente.

** Referência a uma fala feita no workshop já referido anteriormente.

eu acho que a mudança da narrativa está sendo muito visível. Para mim, as idéias do Michael White aparecem nesta questão do relato dominante, excluindo a possibilidade de outros relatos poderem aparecer. É um caso atual, em andamento. Faz só 15 dias que a Vera trouxe o papel escrito sobre como gostaria de ser e isto me saltou aos olhos, pois era tudo que ela tinha contado que tinha sido. Para mim, este caso é um convite a pensar sobre o quanto a força de um relato dominante dificulta que outras descrições mais desejáveis apareçam. Este caso foi (está sendo), pra mim, muito difícil. Embora elas tenham um histórico de buscar ajuda terapêutica, psiquiátrica etc, eu tinha muita dificuldade de encontrar pontos de ancoragem para conversa. É como se nossas linguagens fossem muito diferentes. Eu diria que é uma pessoa muito simples, simplória. Ela tem até terceiro colegial, mas parece que o ambiente cultural é muito distante do nosso. Foi alguém com quem eu tentei a externalização do problema, principalmente com a disritmia, porque esta disritmia a atrapalhava muito. Mas o que oferecia não fazia sentido para ela. Eu sentia dificuldade de criar uma linguagem comum, de oferecer uma linguagem da qual ela pudesse se apropriar e a gente pudesse usar juntas. O que quero dizer é que, com ela, o processo não foi algo que fluiu com facilidade. Foi necessário experimentar alguns caminhos até que este das *muitas Veras* fez sentido para ela. Aliás, nessa semana foi interessante, porque eu já tinha escrito o relato e estava curiosa para encontrá-la. Ela ligou desmarcando. Ela sempre faltou muito no começo, mas nunca avisava e, quando contava, era sempre algo ligado à saúde que a ha-

via impedido. Nesta semana, ela ligou dizendo que não viria porque estava pintando as janelas junto com o pai e tinham que terminar para remontá-las. Foi uma surpresa para mim ela estar fazendo algo com o pai, que era alguém com quem ela dizia que não conseguia fazer nada.

M: Cris, sobre nossas outras reflexões, o que mais você poderia comentar?

C: Quando vocês falaram que apareceu a Vera que tinha ajudado a vizinha que não aparecia antes, na verdade, aparecia, mas aparecia junto com essa fala de ajuda igual a não perceber o fingimento dos outros. Era como se o ajudar não fosse uma opção, uma capacidade, uma habilidade. O ato de ajudar vinha como o ato de *uma pessoa que era boba, os outros estavam fingindo e eu não percebia*. Enquanto eu ouvia vocês sobre a mãe, eu pensei, acho que incomodou muito à mãe essa diferença aparecer. Para a mãe, não incomoda esse lugar (de boba, de monga), ela acha gozado, acha graça. A sensação que eu tinha da mãe é que cada novo diagnóstico era um ganho, era bonito ela ter aquele nome importante, ela ia se tornando mais importante, me dava esta impressão pela “boca cheia” com que ela contava quando ia ao psiquiatra.

R: É o poder do discurso da psiquiatria...

M: É, mas eu acho que tem aí uma coisa para a gente prestar atenção... Eu vou pegar agora a questão da valorização dos discursos... Acho que precisa também relativizar as críticas que fazemos ao discurso da psiquiatria, porque, quando a gente olha para uma explicação dessa que ela traz, quando você perguntou pra ela: *qual foi o sentido? O que ela ganhou com*

esses nomes que foram dados para as coisas que ela sentia? Ela te responde: *as pessoas passaram a me entender...* Achou um vocabulário... Quer dizer, cria pra ela um lugar de algum conforto na relação com os outros, ela deixa de ser a pessoa esquisita.

A: Isso é muito importante, é a hora que você consegue um discurso comum, é a hora que você consegue falar a mesma linguagem, você se inclui em um grupo e esse grupo é um grupo muito importante, é o grupo dos especialistas. É nesse sentido que eu falei também da pedagogia, das práticas educativas, das relações de pais e filhos... Quando alguma mãe ou pai consegue se incluir nesse discurso e diz *está vendo, eu me acho aqui...*

C: Voltando um pouco nessa questão de não incomodar para mãe a descrição de boba, mas incomodar para a filha. Acho que aqui podemos pensar um pouco na questão dos micropoderes e da cultura local. A mãe não trabalhou durante grande parte da vida e atualmente trabalha de doméstica duas vezes por semana em casa de pessoas que, aparentemente, aceitam muito bem esse jeito dela. Ela falta muito, mas isso não cria problema neste ambiente de trabalho que ela tem. Não é um problema para ela. Para uma moça de 20 anos é um jeito de ser que não está dando certo na vida que ela sonhou para si. Ela não está conseguindo trabalhar naquilo que ela tem vontade porque, em geral, são trabalhos em que não sair da cama, ter pânico etc. cria dificuldades. Por exemplo, ela já trabalhou no Mc Donalds. Quando surgia pressão, exigiam rapidez ou ela se sentia olhada e avaliada, apareciam estas idéias de *pessoas fingidas* e ela entrava em crise. Enfim, é um jeito de ser que é interessante para a mãe, não entra em choque o jeito de ser dela com o contexto social imedia-

to onde circula. Já, pra menina, passou a impossibilitar várias coisas, passou a ser um restritor de uma série de coisas, daí a necessidade de abrir outras possibilidades. Outra coisa da qual me lembrei também e acho que diz respeito a esta questão do poder: a mãe entrou para uma igreja na qual tem se sentido muito acolhida pelos *irmãos*. Mas, para a filha, a sensação que eu tenho, é que estava ficando absolutamente sem nenhum contexto. E aí, para ela, a terapia fez diferença porque a está ajudando a criar um contexto, ela pôde dar outras descrições para o que viveu e vive, que foi evidenciando competências e descrições mais interessantes e possíveis. Esse namoro de três anos, que antes não era legitimado, pois *tinha um trauma de um grande amor por quem foi desprezada*, pôde aparecer como algo bom, o namorado pôde ser um companheiro e ela tem criado com ele um contexto de amizades que a satisfaz mais, tem buscado a família do namorado como ponto de referência para algumas coisas.

Z: O que mudou na relação? Ela conta isso? O que mudou na relação dela com a mãe? Se essa procura da mãe pelos irmãos da igreja aumentou depois que ela continuou a terapia?

C: O que ela conta, a partir da perspectiva dela, por exemplo, é que antes ela tinha uma insatisfação muito grande pelo fato da mãe não se cuidar. Às vezes, tendo visita dentro de casa, a mãe passava meio que sem roupa, soltava *pum* na frente de todo mundo e dava risada, não tinha capricho com a casa. Coisas assim, que pra mãe são *brincadeiras*, *para ela isto era terrível, ela se envergonhava e se sentia responsável*. E o que parece que foi acontecendo é que ela não está mais vendo isso como algo que a envergonha, que é problema dela, que ela que teria que evitar e cuidar. Antes, era como se ela

que tivesse que fazer alguma coisa para que a mãe não passasse vergonha. Então, me parece que o que mudou agora é que ela começou a fazer planos com o namorado, olhar para frente e pensar como ela quer a casa dela.

M: Começou a olhar para o futuro...

A: Ela começou a olhar mais para a vida dela, né?

C: Ela agora está pensando nessa questão de trabalho, que tipo de trabalho ela não entra em contato com coisas que fazem tão mal pra ela. Ela percebeu que um lugar onde ela já trabalhou e se deu bem, foi consultório de dentista: sabe fazer a massa, tirar molde, conhece os nomes dos aparelhos. O dentista com quem ela trabalhou mudou de cidade, foi quando ela começou a trabalhar no comércio e ter estas questões de se sentir diminuída, ridicularizada, cobrada. Outra coisa que eu pensei também, quando vocês falaram da desconstrução do problema, uma coisa que no começo, e ainda hoje, eu tomo muito cuidado com ela e com a mãe, tem muitos profissionais envolvidos. Então, quando fala não pegar a desconstrução, por exemplo, ir por esses nomes do desmaio, da disritmia... Então, algumas vezes eu tentei entender um pouco melhor, com elas, o que entendiam por depressão, mas escolhi não entrar por aí, pensava, não sei se elas estão entendendo, não vai me ajudar a entender.

M: Cris, você está fazendo reflexões sobre o que foi que nossas falas te suscitaram. Você quer fazer alguma articulação teórica também? Pensou em fazer isso?

C: Eu recortaria o que a Azair já recortou da analogia do texto na terapia. Isso, para mim, neste atendimento, é onde encontramos a maior conexão com o que entendo do Michael White. Um pedaço que a Azair destacou:

“as pessoas experimentam problemas para os quais procuram terapia quando, nas narrativas que têm, não cabe toda a experiência que elas estão tendo”¹. Então, dentro dessa narrativa de *monga*, de *boba*, não cabem as capacidades e aquilo que a qualifica para o mundo no qual ela quer viver. Não é que não qualificaria para ninguém, porque parece que qualifica para mãe, mas não qualifica para ela nem para o mundo que ela está escolhendo. Então, é por onde eu pensaria teoricamente: as novas narrativas, a possibilidade de criar um outro texto, uma re-autoria da história de vida.

FINALIZANDO

Nesta nossa conversa inspirada em Michael White, tornamos presentes também inúmeros interlocutores com que temos dialogado. Nosso desafio atual, como docentes, tem sido o de desenvolver um vocabulário sobre nossa prática terapêutica, que nomeamos como Construcionista Social. Não desejamos, no entanto, abandonar os ricos aportes teórico-práticos de muitos autores clínicos que sempre nos inspiraram, e cujas teorizações não guardam necessariamente um compromisso com os pressupostos centrais do Construcionismo Social. Para nós, esse é um diálogo que apenas está iniciado e ao qual, esperamos, que muitos outros interlocutores presentes possam se juntar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ WHITE, M. & EPSTON, D. (1993). *Métodos narrativos para fines terapéuticos*. Buenos Aires (ARG.): Ediciones Paidós, p.36.